



LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO GERAL (LABFORM) - 8º CICLO DE ATIVIDADES

4ª SÉRIE

OBS.: Realize apenas as atividades, aqui presentes, solicitadas pelos(as) professores (as) da sua habilitação.

Disciplina: **Filosofia**

Professora: **Marcus Pedroza**

Orientações:

SE DERRUBÁSSEMOS ESTÁTUAS POR AQUI EM PROTESTOS, NOS CHAMARIAM DE VÂNDALOS E NÃO DE HERÓIS

Suzane Jardim, Gabrielle Nascimento
Publicado em The Intercept no dia 9 de Junho de 2020

EM 2017, uma petição surgiu na internet pedindo a retirada do monumento em homenagem a Edward Colston do centro da cidade de Bristol, Inglaterra. Na última atualização, constavam mais de 11 mil assinaturas. A discussão surgiu com força após o confronto violento entre supremacistas brancos e antifascistas em Charlottesville, Estados Unidos, que também teve uma estátua como estopim.

Na Wikipédia, consta que Colston foi “o grande benfeitor de Bristol” por causa de suas doações para a construção de escolas, hospitais, igrejas e associações de caridade. Um homem generoso e humanista, qualquer um diria. Mas bondade sem dinheiro raramente rende uma estátua no centro de uma cidade, e o que gerou a petição foi o desconforto ligado à origem da fortuna de Colston.

No século 17, o “grande altruísta” se tornou sócio da Royal African Company, a RAC, empresa britânica que detinha o monopólio do comércio em torno da captura e tráfico de escravos. Mais de 84 mil africanos foram escravizados com participação direta da companhia na época em que Colston também lucrava com ela. E não era só ele. Diversos homens notáveis foram sócios da organização escravista – entre eles, John Locke, um dos mais influentes pensadores do iluminismo, considerado o “pai do liberalismo” (Locke depois parece ter ‘mudado de ideia’ sobre a escravidão em seus escritos). A RAC não durou muito, pois a concorrência, principalmente a portuguesa (responsável pelo tráfico que trouxe os mais de 4 milhões de africanos escravizados ao Brasil), levou a empresa à falência

Três anos após Charlottesville, a petição e notas de repúdio sobre à estátua do escravista, um grupo presente no protesto do Black Lives Matter decidiu resolver tudo com as próprias mãos e, no domingo, 7 de junho, todos nós assistimos ao feito. Em vídeo, diversas pessoas derrubaram a estátua de seu pedestal e a arrastaram pelas ruas até finalmente a atirarem no rio que corta a cidade. Uma ação direta inspirada na revolta iniciada em Minneapolis, Estados Unidos, após



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

a morte violenta de George Floyd, um homem negro de 49 anos que foi asfixiado por um policial branco em uma abordagem.

Outros países como a França, México, Alemanha, África do Sul e Reino Unido aderiram às manifestações norte-americanas e reivindicaram a vida de pessoas negras nas ruas. No Brasil, país com a polícia que mais mata no mundo, organizações do movimento negro, assim como torcidas organizadas e trabalhadores precarizados, convocaram uma retomada popular das ruas gerando uma discussão intensa: ir ou não ir? É momento para aglomerações?

A preocupação é justa, afinal a curva de contágio por covid-19 segue crescente e, contra ela, só temos duas defesas: medidas de higiene básica e um isolamento social fraco de uma quarentena que de fato nunca começou e nem garantiu condições para que todos estivessem mesmo em casa. Entre os negros em luta, pesa o fato que a doença não é tão democrática quanto alguns fizeram parecer. Na verdade, a pandemia escancarou ainda mais as desigualdades sociais e raciais que estruturam nosso país.

A celebridade contando nos stories como passa o tempo em que está “parada” em casa não é a realidade do nosso país. Desempregados e trabalhadores informais não tiveram a chance de parar, mesmo com o auxílio emergencial – afinal, R\$ 600 não paga sequer um aluguel em muitos dos centros urbanos brasileiros. Entregadores e motoristas de aplicativos, domésticas, camelôs e marreteiros, entre outros setores precarizados, não conheceram o home office e estão arriscando suas vidas diariamente nas ruas e transportes públicos para garantir o mínimo de sustento.

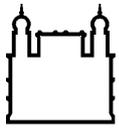
Quem não se arrisca para trabalhar, se arrisca para ajudar aqueles que não são assistidos – movimentos de favelas e campanhas de solidariedade nas periferias estão nas ruas para fazer a escuta e dar a assistência que o estado não dá. Ou seja, já há uma maioria de negra que permanece em risco, não isolada e ocupando as ruas pela necessidade. Como negar o grito a esse pessoal, principalmente ao lembrarmos que quem também não “parou” foram as forças militares?

Em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, a Polícia Militar metralhou uma casa em que estava João Pedro, atingido por um fuzil e assassinado aos 14 anos. Na mesma cidade, organizações que entregavam cestas básicas para moradores das favelas cariocas tiveram ações interrompidas por operações policiais. Em São Paulo, durante o mês de maio a polícia militar matou uma pessoa a cada 6 horas, em plena quarentena. Tudo isso acontecendo enquanto os Estados Unidos começaram a queimar na mão de manifestantes.

A verdade é que nunca houve um só momento da história do Brasil em que não estivesse ocorrendo um massacre. A própria “fundação” oficial do país anuncia um genocídio: se em 1500 cerca de 3 milhões de indígenas aqui estavam, 70 anos após a invasão portuguesa esse número caiu mais da metade. Você deve achar que isso é coisa do passado, como as ligações de Edward Colston com a escravidão. Mas cabe lembrar que nunca houve um luto público por esses corpos que viraram quase que argamassa de cada centímetro quadrado desse país. Pelo contrário, muitas vezes até mesmo o luto privado tem sido interdito. Mães que precisam ouvir que as vidas de seus filhos não são passíveis de serem lembradas porque ‘tinham antecedentes criminais’, logo precisavam morrer. Movimentos de favela que queimam, sim, as ruas, mas ninguém se importa, vibra ou põe no Instagram, afinal, as vidas perdidas que eles reclamam não eram assim tão importantes e nem internacionais.

É preciso então mudar os fatores desse discurso: não se está convocando o povo às ruas “apesar” dos mais de 35 mil mortos, mas sim porque mais de 35 mil pessoas morreram. Porque João Pedro morreu. Porque George Floyd morreu. Porque Amarildo e Cláudia Ferreira morreram. Porque desmantelaram o Quilombo de Palmares. Porque aqui a vida sempre valeu muito pouco. E porque é assim que o capitalismo organizou nossa sociedade: para matar determinados corpos.

Ok, você entende, a causa é legítima, mas falta “organização” e estratégia – foi o que disseram, certo? Curiosamente, o povo é herói quando se organiza para entregar cestas básicas, mas é confundido com quem quer fazer ‘micareta’ ou tido como ‘irresponsável’ quando está organizado



por seu luto público, por seu ódio e seus bastas. Ignora-se aí as diversas estratégias já utilizadas – organizar entregadores de aplicativo é uma delas, formar um cordão de advogados negros na linha de frente de um ato para vigiarem preceitos legais na abordagem policial, como ocorre no Rio de Janeiro, é outra.

A própria estátua rolando no rio inglês foi uma estratégia organizada – ação direta, tática ligada à desobediência civil, aos autonomistas e movimentos antifascistas, ‘coisa de branco’, ‘que obscurece o antirracismo’ irão dizer, mas que foi usada exatamente para botar no chão um símbolo da racionalidade colonial e escravista recheado do ‘humanismo’ e da generosidade liberal burguesa que já não aceitamos mais que seja a base de construção de nosso mundo. Se fosse uma estátua tombando por aqui, talvez surgisse alguém gritando “INFILTRADO” ou dizendo que isso ‘invalida a luta’ e irá ser usado para ‘justificar o endurecimento do regime’. A questão, amigo, é que o endurecimento já aconteceu e você nem viu. (...)

O rabo entre as pernas deveria ser objeto de um escultor para uma estátua: O ethos linguístico das redes sociais deixou o debate público burro e covarde

Há muito que a atividade do pensamento é uma atividade de risco. Existe uma pauta que paira sobre nossa cabeça: pensar de modo correto, apoiar as causas corretas, do contrário você será objeto de cancelamento, linchamento, perda de espaço profissional e de amigos.

De todos os vícios, o mais adaptativo é a covardia. A fúria para se provar “corretx” nunca foi tão furiosa.

Com as redes sociais, o mundo do pensamento ficou mais burro, tecnicamente falando: o ethos das redes é ter uma linguagem agressiva, infantil, pobre e polarizada. Isso engaja.

Para emitir uma opinião que não apresente tais características, você tem que ter um pouquinho da coragem de um Churchill, um Colombo, um Stálin ou um Borba Gato. Mas figuras como essas são de difícil compreensão para uma mente cunhada numa linguagem agressiva, infantil, pobre e polarizada. Diga-me como falas e te direi quem és. Dizendo numa linguagem técnica: o ethos linguístico das redes sociais deixou o debate público burro e covarde.

Há exemplos claros desse tipo de linguagem do ethos de redes sociais (que contaminou o jornalismo, a política e a gestão pública). Se você critica o inapto governo Bolsonaro você é “comunista!” (de todos os xingamentos atuais, o mais chique, afinal, Lênin, Stálin e Trotsky tinham charme no seu estilo de massacrar pessoas em nome da causa do bem social); “fascista!”, se você critica a gangue do PT; “racista!” (hoje o xingamento mais mortal), se você critica, em nome do patrimônio histórico, o ato de derrubar estátuas.

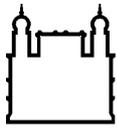
Mas a irracionalidade corretamente motivada está nas ruas. Se você quer abrir o comércio, algum cientista de ocasião dirá que você é ganancioso. Se você se aglomerar no mundo inteiro aos milhares por uma causa justa (combater o racismo e a violência policial é uma causa justa), o cientista de ocasião dirá que nesse caso pode. O gestor público dará autorização oficial e a mídia, sua bênção moral. Afinal, só escrotos não são contra o racismo hoje.

O que alguém minimamente normal pensará no silêncio de sua solidão confinada? A epidemia é, afinal de contas, mais política do que viral. Por quê? Óbvio: ganancioso passa vírus e mata o outro, bem-intencionado politicamente não passa vírus e não mata o outro.

Ou: entendi! Existem causas pelas quais vale morrer! Mesmo que seja matando alguém que nada tinha a ver com ela. A velha ética das guerras. Que os cientistas de ocasião cessem os pedidos universais por confinamento e determinem de uma vez o que vale acima da epidemia.

O que faz o coitado do jornalista ou do intelectual público? Trai a contradição epidemiológica clara do cientista de ocasião, do gestor público e da mídia? Diz que destruir estátuas (patrimônio histórico) é coisa de gente ignorante? Ou põe o rabo entre as pernas e repete as frases, análises e julgamentos adaptados ao mercado das profissões e eleições?

O rabo entre as pernas deveria ser objeto de algum escultor que fizesse uma estátua em homenagem a essa atitude que é a mais adaptada da história do mundo.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Em 1918, na Filadélfia, creio, uma manifestação em meio à gripe espanhola para motivar os jovens americanos que iam lutar contra os cruéis alemães ampliou o número de mortos pela doença na semana seguinte.

Pergunta: será que alguns dos cientistas de ocasião terão um pouquinho da coragem do Churchill, do Colombo, do Stálin e do Borba Gato para investigar em que medida as manifestações contra o racismo (sem dúvida justificáveis politicamente) espalharam mais o coronavírus? Duvido. O ethos hoje

é covarde em sua essência.

Que tal queimar os livros do Rousseau ou do Voltaire, já que eles, aparentemente, investiram, em algum momento, no tráfico de escravos? Ou mesmo derrubar o Coliseu porque ali escravos gladiadores se matavam enquanto o “povo” entrava em êxtase? Ou queimar os livros de Marx, já que ele, ainda que judeu, fosse um antissemita convicto? Ou destruir todas as estátuas gregas e as pirâmides do Egito, já que ali todos os ricos viviam às custas dos escravos? O que nos dizem os historiadores de ocasião?

Luiz Felipe Pondé

Publicado originalmente na Folha de SP de 15/06/2020

Questão:

A derruba de estátuas ocorrida em protestos por conta do brutal assassinato de George Floyd divide opiniões ao redor do mundo. A partir dos textos de referência desta atividade problematize a possibilidade de aumento de contágio da COVID-19 frente à (re)emergência da luta antirracista, tendo como base os seguintes aspectos:

- (a) Racismo X Politicamente Correto;
- (b) Estátuas são registros históricos X Estátuas são homenagens indevidas;
- (c) A irresponsabilidade de protestar durante a pandemia X A necessidade de protestar, apesar da pandemia.

Disciplina: **Filosofia**

Professora: **Murilo**

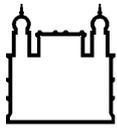
Orientações:

Espero que você esteja bem, na medida do possível!

Atividade proposta: refletir sobre o conceito de verdade por meio da poesia, do jornalismo, do cinema e da filosofia.

Orientações:

- **Leia a poesia (transcrita abaixo).**
- **Assista ao filme, se for possível/tiver acesso.**
- **Acesse o *site* (“FATO ou FAKE”) e leia ao menos três reportagens, atentando para o que a notícia afirma e como a checagem foi feita para confirmá-la ou desmenti-la.**



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

- Se for possível, inscreva-se no evento (cartaz abaixo) e assista às palestras (sugiro especialmente a palestra de Ernesto Perini, intitulada “Quando duas crises se encontram – a pandemia de COVID-19 e o negacionismo científico”, que ocorrerá no dia 01/07, às 15:15).
- Leia os textos dos filósofos (Agamben e Yara) e tire suas conclusões.

1 – Poesia “A verdade dividida”, de Carlos Drummond de Andrade (disponível em: <https://www.cultseraridades.com.br/verdade-dividida-poesia-de-carlos-drummond-de-andrade/> >).

A VERDADE DIVIDIDA

(Carlos Drummond de Andrade)

A porta da verdade estava aberta
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só conseguia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arreentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia os seus fogos.
Era dividida em duas metades
diferentes uma da outra.

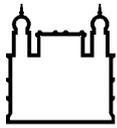
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.
E era preciso optar. Cada um optou
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

2 – Site “FATO ou FAKE” (disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/> >).

3 – Filme “Negação” (disponível na Netflix).

Sinopse (disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-237492/> >)

Deborah E. Lipstadt (Rachel Weisz) é uma conceituada pesquisadora que, em seu livro, ataca veementemente o historiador David Irving (Timothy Spall), que prega que o Holocausto não existiu e é uma invenção dos judeus para lucrar mais. Julgando-se prejudicado pelo que foi publicado, Irving entra com um processo por difamação contra Deborah. Só que, pelas leis britânicas, em casos do tipo é a ré quem precisa provar a veracidade da acusação. Logo ela se vê



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



em uma disputa judicial que, mais do que envolver dois estudiosos da História, pode colocar em dúvida a morte de milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

4 – Palestra “Quando duas crises se encontram – a pandemia de COVID-19 e o negacionismo científico”: dia 01/07, às 15:15.

PENSANDO A PANDEMIA:
perspectivas filosóficas
sobre a COVID-19
webinário bilingue internacional

1, 2, 8, 9 | JULHO | 2020
14:00 – 16:15

1|7 FILOSOFIA DA MENTE E PSICOLOGIA
14:00 **BAHAR TUNGGENC (University of Nottingham)**
*What motivates people to do "social distancing"?
A comprehensive analyses on a global sample*
15:15 **ERNESTO PERINI (UFMG)**
*Quando duas crises se encontram – a pandemia
de COVID-19 e o negacionismo científico*

2|7 ÉTICA E EMOÇÕES
14:00 **CAROL HAY (UMass Lowell)**
Pandemics: the poor get poorer
15:15 **FLÁVIO WILLIGES (UFESM)**
*Aspectos morais e cognitivos das emoções
desencadeadas pela crise da COVID-19*

8|7 FILOSOFIA DA CIÊNCIA
14:00 **CAILIN O'CONNOR (University of California Irvine)**
*Information Zombies and Hydroxychloroquine:
Misinformation During the COVID-19 Pandemic*
15:15 **EROS CARVALHO (UFERS)**
*Filosofia da ciência em tempos de pandemia: o uso
adequado do conhecimento científico em políticas públicas*

9|7 FILOSOFIA POLÍTICA
14:00 **JASON STANLEY (Yale)**
(a anunciar)
15:15 **AMARO FLECK (UFMG)**
Da negação

 Programa de Internacionalização
CAPES/Print

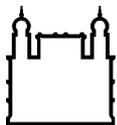
FILOSOFIA  **UFMG**

inscrições e informações
ufmgfilosvirtual@gmail.com
(o link será enviado após inscrição)

5 – A pandemia foi inventada para que os governos possam nos controlar mais facilmente?

() Sim (“A invenção de uma pandemia”, de Giorgio Agamben, filósofo italiano. Disponível em: <<https://medium.com/@sarawagneryork/a-inven%C3%A7%C3%A3o-de-uma-epidemia-d4a15dbf9f14>>.)

() Não (“Agamben sendo Agamben: o filósofo e a invenção de uma pandemia”, da filósofa brasileira Yara Frateschi, professora da UNICAMP. Disponível em:



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

<https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/12/agamben-sendo-agamben-o-filosofo-e-a-invencao-da-pandemia/>).

Disciplina: LE – Espanhol

Professora: Renata Sodré

Orientações:

¡Hola! ¿Qué tal estás?

**Estamos en el VIII Ciclo de actividades, ¿verdad?
Vamos a trabajar con el tema: Espanglês/ Spanglish**

Nós, da equipe de Línguas Adicionais, esperamos que todos estejam bem!

Para este ciclo, propomos uma atividade que introduz uma reflexão sobre a questão do Espanglês: uma mistura dos idiomas espanhol e inglês. Por uma questão didática, introduziremos o tema da seguinte maneira:

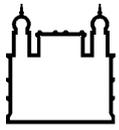
- 1. TEXTO I: pequena introdução sobre o Espanglês: uma mistura dos idiomas espanhol e inglês.*
- 2. RESUMO DO FILME “ESPANGLÊS”: breve apanhado sobre tal filme.*
- 3. COMO ACESSAR O FILME: link de acesso para download do filme no áudio original (inglês e espanhol), com legendas em português.*
- 4. QUESTÕES SOBRE O FILME: algumas perguntas para guiá-los na reflexão sobre o filme.*

TEXTO I:

O que é Espanglês/ Spanglish?

É uma mistura dos idiomas espanhol e inglês (em inglês, spanish e english), como o próprio nome indica. Apesar de não ser uma língua reconhecida oficialmente, o *spanglish* é falado em várias partes dos Estados Unidos, onde a imigração latina é forte, no México e em alguns países da América do Sul, como Venezuela. A miscelânea verbal já é objeto de estudo em universidades e tema de dicionário.

"A data de nascimento oficial do spanglish é a mesma da assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo, em 1848, quando o México perdeu dois terços de seu território - com a população que



morava nessa terra - para os Estados Unidos", diz o lingüista Ilán Stavans, professor do primeiro curso universitário de spanglish, na Universidade de Amherst, em Massachusetts.

A forma híbrida de comunicação envolve três estratégias. A primeira é a mistura de palavras em espanhol e inglês na mesma sentença e num vaivém constante. Algo como "me voy de vacation on the next semana" (vou sair de férias na próxima semana).

A segunda é a tradução literal de palavras e expressões, como "Te llamo para atrás" no lugar de "I'll call you back" (retornarei sua ligação).

"A terceira é a criação de novas palavras", afirma Stavans, que reuniu cerca de 6 mil exemplos do idioma no livro Spanglish: The Making of a New American Language ("Spanglish, a construção de uma nova língua americana", inédito em português). Entre as pérolas, nuyorrican (porto-riquenho de Nova York), rufo (que vem de roof, "teto") e parquear (do inglês park, "estacionar").



RESUMO DO FILME “ESPANGLÊS”:

Espanglês – filme

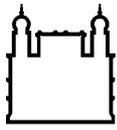
Uma doméstica mexicana, Flor Moreno, decide partir para os Estados Unidos com a sua filha, Cristina Moreno, em busca de novas oportunidades. Ao chegar, começa a trabalhar na casa de uma rica família americana. Cumprindo as suas tarefas, a mexicana vê a necessidade de aprender a falar inglês devido às dificuldades de comunicação e adaptação à nova cultura. Sua filha, Cristina, sente-se muito empolgada com todas as mudanças, principalmente por saber falar inglês, mas ainda precisa ser a intérprete da mãe que não entende outra língua. Entretanto, Flor vê-se na necessidade de aprender inglês e ao fim de um tempo começa a falar fluentemente esta língua. Flor Moreno acaba por se envolver romanticamente com o patrão após uma grande discussão entre este e Deborah Clarsky.

COMO ACESSAR O FILME:

<https://drive.google.com/drive/folders/1FYGoZscQdfZHvXmbRbH9Q9unHRueYt6z?usp=sharing>

QUESTÕES SOBRE O FILME:

Levando em conta o TEXTO I, o resumo sobre o filme e o próprio filme, reflita sobre as questões abaixo:



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



1. Aponte pontos positivos e negativos acerca do conceito de *sonho americano*, apresentado no filme.
2. Por que a personagem Flor tem tanta resistência para aprender a língua inglesa, como foi percebido durante boa parte do filme?
3. O “spanglish” é considerado pelos gramáticos uma miscelânea verbal e, apesar de não ser uma língua oficial, é falado em várias partes dos EUA onde a imigração latina é forte. O que o filme nos faz pensar sobre isso?
4. Como você explicaria o antagonismo apresentado entre as personagens Flor e Débora?

¡Qué nos veamos pronto! Prof. Renata Sodre

Disciplina: **LE – Inglês**

Professora: **Juliana**

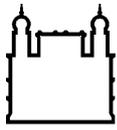
Orientações:

Olá, tudo bem com vocês?

Nós, da equipe de línguas estrangeiras, esperamos que todos estejam bem =)

Para este ciclo, propomos uma atividade que introduz uma reflexão sobre a questão do espanhol: uma mistura dos idiomas espanhol e inglês. Tal atividade está dividida em quatro partes:

- 1- *TEXTO I: pequena introdução sobre o espanhol: uma mistura dos idiomas espanhol e inglês.*
- 2- *RESUMO DO FILME “ESPANHOL”:* breve resumo sobre tal filme.
- 3- *COMO ACESSAR O FILME:* link de acesso para download do filme no áudio original (inglês e espanhol), com legendas em português.
- 4- *QUESTÕES SOBRE O FILME:* algumas perguntas para guiá-los na reflexão sobre o filme.



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Obrigada ! =D

Beijos

TEXTO I:

O que é spanglish/ espanglês?

É uma mistura dos idiomas espanhol e inglês (em inglês, spanish e english), como o próprio nome indica. Apesar de não ser uma língua reconhecida oficialmente, o spanglish é falado em várias partes dos Estados Unidos, onde a imigração latina é forte, no México e em alguns países da América do Sul, como Venezuela. A miscelânea verbal já é objeto de estudo em universidades e tema de dicionário.

"A data de nascimento oficial do spanglish é a mesma da assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo, em 1848, quando o México perdeu dois terços de seu território - com a população que morava nessa terra - para os Estados Unidos", diz o lingüista Allan Stavans, professor do primeiro curso universitário de spanglish, na Universidade de Amherst, em Massachusetts.

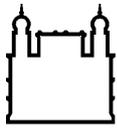
A forma híbrida de comunicação envolve três estratégias. A primeira é a mistura de palavras em espanhol e inglês na mesma sentença e num vaivém constante. Algo como "me voy de vacation on the next semana" (vou sair de férias na próxima semana).

A segunda é a tradução literal de palavras e expressões, como "Te llamo para atrás" no lugar de "I'll call you back" (retornarei sua ligação).

"A terceira é a criação de novas palavras", afirma Stavans, que reuniu cerca de 6 mil exemplos do idioma no livro Spanglish: The Making of a New American Language ("Spanglish, a construção de uma nova língua americana", inédito em português). Entre as pérolas, nuyorrican (portorriquenho de Nova York), rufo (que vem de roof, "teto") e parquear (do inglês park, "estacionar").

RESUMO DO FILME "ESPANGLÊS":

Espanglês - filme



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Uma doméstica mexicana, Flor Moreno, decide partir para os Estados Unidos com a sua filha, Cristina Moreno, em busca de novas oportunidades. Ao chegar, começa a trabalhar na casa de uma rica família americana. Cumprindo as suas tarefas, a mexicana vê a necessidade de aprender a falar inglês devido às dificuldades de comunicação e adaptação à nova cultura. Sua filha, Cristina, sente-se muito empolgada com todas as mudanças, principalmente por saber falar inglês, mas ainda precisa ser a intérprete da mãe que não entende outra língua. Entretanto, Flor vê-se na necessidade de aprender inglês e ao fim de um tempo começa a falar fluentemente esta língua. Flor Moreno acaba por se envolver romanticamente com o patrão após uma grande discussão entre este e Deborah Clarsky.

COMO ACESSAR O FILME:

https://drive.google.com/drive/folders/1FYGoZscQdfZHvXmbRbH9Q9unHRueYt6z?usp=s_haring

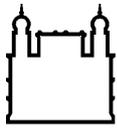
QUESTÕES SOBRE O FILME:

Levando em conta o TEXTO I, o resumo sobre o filme e o filme em si, reflita sobre as questões abaixo:

1. Aponte pontos positivos e negativos acerca do conceito de *sonho americano*, apresentado no filme.
2. Por que a personagem Flor tem tanta resistência para aprender a língua inglesa, como foi percebido durante boa parte do filme?
3. O “spanglish” é considerado pelos gramáticos uma miscelânea verbal e, apesar de não ser uma língua oficial, é falado em várias partes dos EUA onde a imigração latina é forte. O que o filme nos faz pensar sobre isso?
4. Como você explicaria o antagonismo apresentado entre as personagens Flor e Débora?

Disciplina: **Matemática**

Professora: **Daniel Frota**



Orientações:

Prezados alunos/as, espero que todos estejam bem mentalmente e fisicamente em meio esta pandemia em que infelizmente estamos presenciando. Mais uma vez, nesta nova atividade, vamos continuar com o estudo da geometria espacial. Vamos revisitar assuntos de área e volume de um sólido geométrico visto no ensino fundamental. Segue abaixo o link de uma vídeo aula que será de suma importância antes de começar os estudos.

Vídeo aula:

<https://www.youtube.com/watch?v=P8Cw3tafL3s>

O vídeo mostra uma definição básica dos paralelepípedos e alguns exemplos que irá auxiliar nos exercícios.

Os Objetivos da aula:

1. Reconhecer o significado das dimensões de um paralelepípedo;
2. Identificar e calcular a medida da diagonal de um paralelepípedo;
3. Calcular as medidas de área (superfície) e volume de um paralelepípedo.

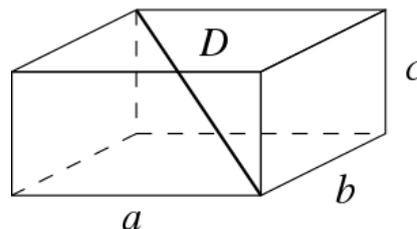
No decorrer de seus estudos, para qualquer eventual dúvida podem entrar em contato através do e-mail: daniel.frota@fiocruz.br ou daniel.frota100@yahoo.com.br.

Mãos a obra e bons estudos.

Professor Daniel Frota Lima

GEOMETRIA ESPACIAL

1 - PARALELEPÍPEDO RETÂNGULO



Área total:

$$A_t = 2ab + 2ac + 2bc$$

Volume:

$$V = a \cdot b \cdot c$$

ou

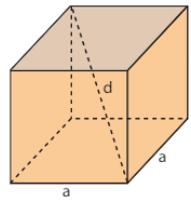
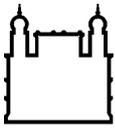
$$V = A_b \cdot h$$

$A_b \rightarrow$ Área da base
 $h \rightarrow$ Altura

Diagonal:

$$d = \sqrt{a^2 + b^2 + c^2}$$

2 - CUBO



Área total

$$A = 6a^2$$

Volume

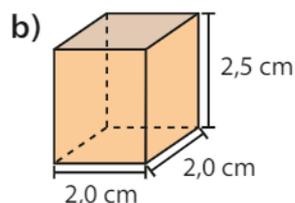
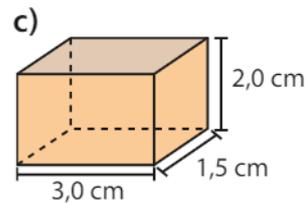
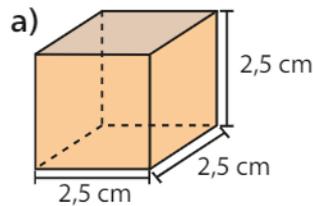
$$d = a\sqrt{3}$$

Diagonal

$$d = a\sqrt{3}$$

EXERCÍCIOS

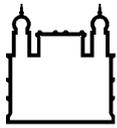
01 Calcule a medida da diagonal, a área total e o volume de cada um dos paralelepípedos retângulos representados abaixo:



02 Determine o volume de um paralelepípedo retângulo, sabendo que a medida de sua diagonal é $3\sqrt{10}$ dm e duas de suas dimensões medem 4 dm e 7 dm.

03 Calcule a medida da diagonal, a área total e o volume de um cubo cuja soma das medidas das arestas é igual a 48 cm.

04 Calcule a área total e o volume de um cubo cuja diagonal de uma face mede 1,2 m.



Gabarito:

1.

a) $a = 2,5 \text{ cm} = \frac{5}{2} \text{ cm}$

$$d = a\sqrt{3} \Rightarrow d = \frac{5\sqrt{3}}{2} \text{ cm}$$

$$A_t = 6 \cdot a^2 = 6 \cdot (2,5)^2 \Rightarrow A_t = 37,5 \text{ cm}^2$$

$$V = a^3 = (2,5 \text{ cm})^3 = 15,625 \text{ cm}^3$$

b) $a = b = 2 \text{ cm}; c = 2,5 \text{ cm}$

$$d = \sqrt{a^2 + b^2 + c^2} = \sqrt{2^2 + 2^2 + 2,5^2} \Rightarrow$$

$$\Rightarrow d = \frac{\sqrt{57}}{2} \text{ cm}$$

$$\left. \begin{aligned} A_b = a \cdot b &\Rightarrow A_b = (2 \text{ cm}) \cdot (2 \text{ cm}) = 4 \text{ cm}^2 \\ A_c = 4 \cdot a \cdot c &\Rightarrow A_c = 4 \cdot (2 \text{ cm}) \cdot (2,5 \text{ cm}) = 20 \text{ cm}^2 \end{aligned} \right\} \Rightarrow$$

$$\Rightarrow A_t = 2 \cdot A_b + A_c \Rightarrow A_t = 8 \text{ cm}^2 + 20 \text{ cm}^2 = 28 \text{ cm}^2$$

$$V = A_b \cdot c \Rightarrow V = (4 \text{ cm}^2) \cdot (2,5 \text{ cm}) = 10 \text{ cm}^3$$

c) $a = 3 \text{ cm}; b = 1,5 \text{ cm}; c = 2 \text{ cm}$

$$d = \sqrt{a^2 + b^2 + c^2} \Rightarrow d = \sqrt{3^2 + 1,5^2 + 2^2} \Rightarrow$$

$$\Rightarrow d = \frac{\sqrt{61}}{2} \text{ cm}$$

$$A_b = a \cdot b \Rightarrow A_b = (3 \text{ cm}) \cdot (1,5 \text{ cm}) = 4,5 \text{ cm}^2$$

$$A_c = 2 \cdot a \cdot c + 2 \cdot b \cdot c \Rightarrow$$

$$\Rightarrow A_c = 2 \cdot (3 \text{ cm}) \cdot (2 \text{ cm}) + 2 \cdot (1,5 \text{ cm}) \cdot (2 \text{ cm}) =$$
$$= 18 \text{ cm}^2$$

$$A_t = 2 \cdot A_b + A_c \Rightarrow A_t = 2 \cdot 4,5 \text{ cm}^2 + 18 \text{ cm}^2 = 27 \text{ cm}^2$$

$$V = a \cdot b \cdot c = A_b \cdot c \Rightarrow V = (4,5 \text{ cm}^2) \cdot (2 \text{ cm}) = 9 \text{ cm}^3$$

2.

$$a = 4 \text{ dm}; b = 7 \text{ dm}; d = 3\sqrt{10} \text{ dm}$$

$$d^2 = a^2 + b^2 + c^2 \Rightarrow (3\sqrt{10})^2 = 4^2 + 7^2 + c^2 \Rightarrow$$

$$\Rightarrow c = 5 \text{ dm}$$

$$V = a \cdot b \cdot c \Rightarrow V = (4 \text{ dm}) \cdot (7 \text{ dm}) \cdot (5 \text{ dm}) = 140 \text{ dm}^3$$

3.

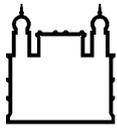
$$12 \cdot a = 48 \text{ cm} \Rightarrow a = 4 \text{ cm}$$

$$d = a\sqrt{3} \Rightarrow d = 4\sqrt{3} \text{ cm}$$

$$A_t = 6 \cdot a^2 \Rightarrow A_t = 6 \cdot (4 \text{ cm})^2 = 96 \text{ cm}^2$$

$$V = a^3 \Rightarrow V = (4 \text{ cm})^3 = 64 \text{ cm}^3$$

4.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



$\triangle ABC$ retângulo

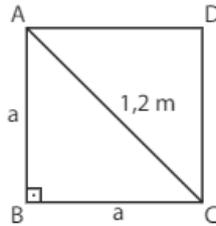
$$a^2 + a^2 = (1,2)^2 \Rightarrow$$

$$\Rightarrow a^2 = \frac{72}{100} \Rightarrow a = 0,6\sqrt{2} \text{ m}$$

$$A_t = 6 \cdot a^2 \Rightarrow A_t = 6 \cdot \frac{72}{100} \Rightarrow$$

$$\Rightarrow A_t = 4,32 \text{ m}^2$$

$$V = a^3 \Rightarrow V = (0,6\sqrt{2})^3 \Rightarrow V = 0,432\sqrt{2} \text{ m}^3$$



Disciplina: Matemática

Professor: Fabiano

Orientações:

Olá, queridos, como vão?

Você já parou para se perguntar por que celulares costumam ser retangulares ou moedas circulares ou algumas antenas parabólicas ou algumas embalagens de biscoito cilíndricas enquanto outras blocos retangulares e por aí vai? Essas escolhas geralmente não são aleatórias. Através de um exemplo específico, esse assunto será discutido de modo bem leve em nosso material, ressaltando como conhecimentos matemáticos tanto influenciam na maneira de a humanidade lidar com o mundo natural quanto influenciam no estabelecimento de algumas relações em sociedade. Além disso, deixo um novo desafio para exercitem um pouco o raciocínio lógico e a argumentação.

Em caso de dúvidas ou de um simples bate papo, me contatem.
Fiquem bem!

Abraços,
Fabiano

1) A ESCOLHA DAS FORMAS AO NOSSO REDOR COSTUMA POSSUIR UM PROPÓSITO?

No curto vídeo a seguir vocês poderão descobrir uma interessante aplicação da Geometria Espacial, que vai explicar qual é a importância da escolha do formato ideal para depósitos de cada tipo de alimento. Na sequência, o segundo link mostra uma explanação ligeiramente mais abrangente sobre o assunto, mas bastante rico, em que você notará como o cálculo de áreas de figuras planas é vital na Geometria Espacial e até mesmo uma improvável relação entre a geometria e o mundo do direito. Tudo isto é encontrado na página do *Matemática em toda a parte*, da TV Escola, de onde foi tirado o vídeo.

Link para o vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=4VJ6GHtN3TY&feature=emb_title

Link para o material completo:

<http://hotsite.tvescola.org.br/matematica-em-toda-parte-2/fasciculos/agricultura/>

2) DESAFIO

Começa com quadrados em branco dispostos em cinco colunas, como na figura 1 abaixo. De início, esses quadrados estão vazios. Ao longo do jogo, você preencherá alguns desses quadrados com um X, e estes passarão a ser chamados de marcados.

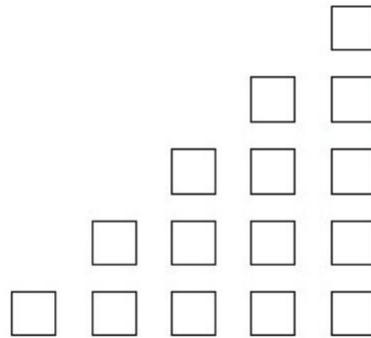


Figura 1: Os quadrados do jogo. Repare que há cinco colunas, contendo 1,2,3,4 e 5 quadradinhos.

Em cada rodada, você deve escolher duas colunas e marcar quadrados vazios nas duas colunas, sempre em igual número. Por exemplo, se uma coluna tem dois quadrados vazios e outra tem quatro, então você pode marcar um ou dois quadrados vazios em cada uma dessas duas colunas. As figuras abaixo ilustram o que pode acontecer nas duas primeiras jogadas.

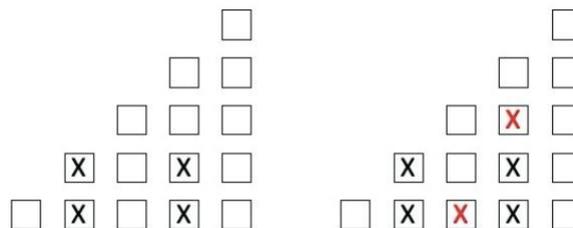
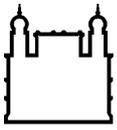


Figura 2: Uma sucessão de jogadas. Na primeira, foram marcados dois X nas colunas 2 e 4 (da esquerda para a direita). Na segunda jogada, marcamos um quadrado vazio em cada uma das colunas 3 e 4.

O jogo termina ou quando todos os quadrados estão marcados ou quando só houver uma coluna ainda com quadrados vazios.

Com base nesse experimento, responda:

a) É possível concluir o jogo com êxito? Justifique sua resposta.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



b) E se aumentássemos o número de colunas para 7, como na figura abaixo, o resultado se manteria? Justifique sua resposta.

